

# POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : 841

DATA : 19 10 91

PG. : 14

## POVO INDÍGENA: UM SINÔNIMO DE IGUALDADE.

No programa da visita do papa ao Brasil, ontem foi dia de índio ou, mais exatamente, dia de instrumentalização de índio. O pontífice, que em seu pronunciamento atacou os setores regressistas da Igreja, que hoje fazem a releitura da história das missões católicas em chave política e ideológica, viu, certamente, em muitos dos pobres silvícolas levados a falar em sua presença, os frutos inocentes mas manipulados dessa não desinteressada evangelização.

Os discursos feitos pelos representantes dos índios davam a nitida impressão de terem sido preparados mais em

certas sedes sindicais ou em certas sacristias do que nas tabas. O mais grave, porém, é que, cegos pela paixão ideológica, os evangelizadores dos índios — que deram ao pontífice os mais variados tratamentos, desde “vossa senhoria” e “você” até “senhor santidade” e “senhor santo papa” — não perceberam o contrasenso de fazê-los denunciar as influências da civilização ocidental em sua cultura usando jeans e, em um caso posto em muita evidência, dispensando a camisa.

Teria sido mais autêntico se os representantes dos povos indígenas tivessem usado seus

trajes originais, de penas, em vez de se apresentarem diante do pontífice de jeans e de calção. Uma das vítimas da civilização ocidental, lembrando o saudoso Juruna, ostentava um gigantesco rádio, instrumento inventado por um filho da civilização ocidental e hoje construído por grandes multinacionais imperialistas.

O papa ouvia os pronunciamentos com uma expressão de enfado que podia ser fruto de seu cansativo programa, mas podia traduzir também certa insatisfação com a constatação de estar sendo, de certa forma, instrumentalizado.

Afinal de contas, o pontífice

foi, certamente, o primeiro a perguntar o que tinha a ver com os problemas que lhe estavam sendo levados. Alguns dos organizadores da visita do papa dão a impressão de considerar o Brasil uma espécie de Bizâncio governada por uma dinastia teocrática e onde, em vez de uma completa separação entre a Igreja e o Estado, existe uma perfeita comunhão entre a espada e o altar.

O ousado locutor indígena da solenidade, não contente em dizer ao papa que, no Brasil, a Constituição é letra morta, depois do discurso do pontífice ainda ocupou o microfone para coroar todas as boba-

gens ditas com uma alusão à luta dos índios pela autodeterminação.

O pontífice soube conduzir-se com grande equilíbrio e, contrariamente aos silvícolas selecionados para falar e que usaram e abusaram da expressão, não falou uma vez sequer, em seu discurso, em “nação indígena”. O papa falou sempre em povo indígena, o que dá uma conotação inteiramente diferente ao problema, afastando a idéia de que os índios formem, no País, uma comunidade diferente da dos demais brasileiros, ou até um Estado dentro do Estado.

O papa não deixou de aludir

e de lamentar atos de violência praticados contra índios, mas tocou no assunto de passagem, preferindo insistir mais em teses como a de que, aos olhos de Deus, só existe uma raça e um povo formado por muitos povos.

Em um ataque direto aos historiadores da Igreja que, dominados pelo marxismo, chegam a apresentar a catequização dos índios e as missões como uma “epopéia grandiosa” que renovou a cultura indígena a partir de dentro, sem comprometer a especificidade da fé cristã.

Lenildo Tabosa Pessoa